

LINGUAGEM EM FOCO

Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE
V. 7, N. 2, ano 2015 - Volume Temático: *Linguagem e Subjetividade*

RELATOS DE SI EM SITUAÇÃO DE CONDENAÇÃO PUNITIVA: A TRAJETÓRIA DE ADÃO

*Leonardo Damasceno de Sá**
*Maria Izabel Feitosa Accioly***
*Deiziane Pinheiro Aguiar****

RESUMO

Adão é um detento da Casa de Privação Provisória de Liberdade III, estabelecimento integrante do sistema penitenciário do Ceará. No contexto de cumprimento da pena por assassinato, ele desenvolveu um reposicionamento discursivo sobre suas condições de existência, falando e escrevendo sobre sua experiência na prisão. Elaborou livros artesanais, usando as tampas das quentinhas¹ como suporte da escrita, encadernando-as com fios feitos de saco plástico, e reformulou assim os seus relatos de si, numa busca por novas narrativas de sua vida. Adão fez experimentações literárias relacionadas com sua trajetória de vida no confronto com as questões da punição, do sofrimento e da liberdade. Do ponto de vista teórico, este artigo está apoiado nas considerações de Pierre Bourdieu e Judith Butler acerca da relação entre linguagem, sofrimento social e narrativas do eu. Metodologicamente, parte de trabalho de campo e entrevistas em profundidade com Adão, além de leitura de seus materiais. O objetivo do artigo é compreender como se articulam a fala e a escrita de um sujeito em luta contra a condição de despossessão do eu ligada à condenação punitiva prisional.

Palavras-chave: Narrativas do eu. Práticas de escrita. Socialidade prisional. Sofrimento social.

ABSTRACT

Adão is an inmate in Casa de Privação Provisória de Liberdade III, which is an organization of the prison system of the State of Ceará. During the time he remained in prison for murdering, he developed a discursive repositioning regarding his existence conditions by talking and writing about his experience into the prison. He has made handmade books out of the cover of some aluminum foil paper Box in order to make the sheets. He has bound them with wires made out of plastic bags. Thus, he rebuilt his descriptions about himself, seeking new stories about his life. Adão has written about his own life path and about punishment, suffering and freedom. From a theoretical point of view, this paper relies on Pierre Bourdieu's and Judith Butler's theories about the relation between speech, social suffering and narratives of the self. The methodology consists of a fieldwork and deep interviews with the interlocutor. Moreover, there is the analysis of his materials. The aim of this article is understanding how speech and writing of a man who fights against the no-ownership of the self articulate regarding a punitive sentence into a prison.

Keywords: Narratives of the self. Writing practices. Social structures in prison. Social suffering.

* Doutor em Sociologia e professor do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará. Membro do Laboratório de Estudos da Violência (LEV). Fortaleza - CE. Endereço eletrônico: leonardo_sa@uol.com.br.

** Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará e integrante do LEV. Fortaleza - CE. Endereço eletrônico: isabel.accioly@gmail.com.

*** Mestranda em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará e integrante do LEV. Fortaleza - CE. Endereço eletrônico: deiziaguilar@gmail.com.

¹ Quentinha, marmitta ou, como chamam nesta unidade prisional, a 'fiel'.

INTRODUÇÃO

Este artigo busca descrever e analisar os relatos de si de um prisioneiro que se tornou adepto, no espaço prisional, de práticas de escrita. Trata-se de um relato problemático, pois o contexto de interpelação no qual o eu de Adão se mobiliza está imerso no universo de condenação punitiva de um réu, cumprindo sentença por assassinato. Seus depoimentos exigem nossa compreensão em dois sentidos. De um lado, seus depoimentos nos dizem algo sobre a condição criminal, prisional, mas também sobre as dimensões existenciais do pertencimento social e familiar do nosso interlocutor. Nesse sentido, estamos baseados nas reflexões teóricas de Pierre Bourdieu acerca da miséria de posição social e da privação social e simbólica que afeta Adão nas formas de sua “pequena miséria” (BOURDIEU, 2008, p.13), o que implica também, do ponto de vista do método, uma atenção para as condições sociais dos discursos narrativos e também performativos de Adão, pois as operações sociais de nomeação de Adão estão localizadas num contexto de rituais de poder punitivo do qual ele é objeto (BOURDIEU, 1996, p.81). Sua frágil condição de sujeito está intensivamente ameaçada pela culpa e pela vergonha de uma linguagem não autorizada. De outro lado, a situação de punição faz oscilar de modo transformacional o discurso de Adão entre a figura subjetiva do moralista e a do assassino que o atormenta, como argumenta Judith Butler (2015, p.69). É na relação com um outro na linguagem, com as normatividades sociais e morais de sua condenação punitiva e prisional, que Adão precisa se haver. Sua cena de interpelação é marcada pela despossessão de um sujeito aniquilado pela culpabilidade, buscando elaborar de modo narrativo algum grau de coerência biográfica em meio a tantas interrupções do seu projeto de pessoa. Foi, portanto, buscando trazer Adão para uma cena ética de mútua compreensão, que elaboramos o relato socioantropológico que se segue.

EM BUSCA DA COERÊNCIA PERDIDA

Na manhã do dia 28 de outubro de 2015, com o apoio do setor de Serviço Social, estivemos em um dos quadrantes da Casa de Privação Provisória de Liberdade Professor Jucá Neto¹, também conhecida como CPPL III, para realizar uma entrevista em profundidade com Adão, um dos 1700 internos da referida unidade prisional. Esta Casa de Privação abriga presos que aguardam julgamento e tem capacidade para 952 detentos, porém, acomoda quase o dobro de sua capacidade máxima², situação comum a maioria dos presídios brasileiros. Trata-se de uma pesquisa etnográfica que se desenrola no campo empírico de temas perigosos (BARREIRA, 1998, p.19), pois essa prisão agrupa em suas dependências pessoas que cometeram os mais diversos crimes, incluindo uma minoria de prisioneiros considerados de alta periculosidade.

Adão é um homem negro, nordestino, vindo das camadas populares e camponesas de Valença do Piauí. Filho de agricultores analfabetos, começou a trabalhar aos oito anos para ajudar no sustento da casa e para garantir a subsistência da família através da venda de bombons na saída

¹ Unidade voltada para preso provisório. Inaugurada no dia 24 de agosto de 2010, pelo governador do Estado do Ceará, Cid Gomes, e pelo secretário da Justiça e Cidadania, Marcos Cals. Possui capacidade para 952 detentos, localiza-se na BR 116, Km 27, no município de Itaitinga, no Ceará.

² De acordo com dados do Censo Penitenciário do Ceará 2013/2014, 70,5% dos internos do sexo masculino ocupam celas acima da sua capacidade máxima. Uma situação considerada crítica pelos gestores do sistema.

de um colégio. Relata ter tido uma infância curta, porém boa. Por ter iniciado cedo a trabalhar, ele considera que deixou de ser criança e passou a ser adulto. Junto a esta fase de sua vida, veio o contato com o que ele identifica como “mundo”, que, como podemos perceber, está ligado às experiências da socialidade masculina.

Eu comecei a enxergar as coisas do mundo muito cedo, principalmente as vicissitudes, né. Foi o contato com o álcool, contato com o cigarro que foi bem cedo, aos 14 anos. Então aquela história na minha juventude, quem era macho tinha que fumar um cigarro, beber uma cachaça, então eu me envolvia porque queria mostrar que era macho, que era preparado para aquela fase da vida.

Adão fala pouco de sua adolescência, parece sentir-se acanhado quando narra lembranças da época em que teve contato com drogas lícitas e não deixa claro como foi esse momento de sua vida, conta apenas que namorou bastante. Conta que vivenciou uma paixão platônica, porém, muito marcante, por uma moça de classe média. Relata que foram impedidos de ficar juntos por causa das diferenças de classes sociais, situação que a família da moça não aceitava.

Já em sua fase adulta, Adão casa-se com Eva com quem teve três filhos. Passam uma temporada em São Paulo, em busca de melhores condições de vida e de trabalho na construção civil e depois retornam para Valença, onde constroem uma casa com as economias feitas durante esse período. De volta à terra natal, Adão continua sua vida profissional atuando em diversas funções, tais como, ajudante de pedreiro, bombeiro hidráulico e cobrador de crediário. Nesta última experiência profissional, Adão relata ter se sentido em perigo, pois havia muitos latrocínios cometidos contra cobradores de crediário e decidiu comprar uma arma para “se defender”.

Eu trabalhava em 10 cidades, aí eu passava arrecadando dinheiro o dia todinho e estavam roubando os cobradores no momento em que saiam da cidade, pensando que na bolsa estava levando dinheiro e a gente deixa tudo no banco, mas eles pensavam e muitos deles que vinham da cidade que não tinha banco vinha com muito dinheiro mesmo, 10 ou 15 mil reais aí roubava e matava. Aí, para me proteger, eu comprei essa arma, mas nunca foi necessário, tirando esse ocorrido, mostrar ela para ninguém, dar um tiro em alguém, dizer para as pessoas que eu estava armado.

Pode-se imaginar que há um tom de justificativa nessa elaboração, afinal, é comum que prisioneiros elaborem seus discursos em torno de justificativas e motivos no contexto de interpelação da condenação moral e jurídica de seus atos criminais. Apesar disso, pode-se também afirmar que nosso interlocutor demonstra em suas falas e escrita uma preocupação recorrente com questões sociais. Nessa época, Adão se engaja na Associação de Moradores da comunidade em que morava e colaborava através da prestação de serviços como tesoureiro desta organização.

Ele nos narra que durante esse trabalho teve dificuldades com o pagamento da conta de água da sede da Associação, pois a mesma vencia dia 28 de cada mês e a organização só podia pagar dia 5, quando recebia o pagamento da cooperativa, portanto, todo mês havia cobrança de juros e multas referente aos dias em atraso. Em dado momento de sua atuação na Associação, Adão mudou a data do vencimento para dia 10, o que gerou o fim dessa cobrança de juros e multa, porém, ele não comunicou aos demais e, durante 24 meses, tomava posse indevida dessa diferença.

Após dois anos, a mudança de vencimento foi descoberta, bem como a apropriação não autorizada desses valores referentes a multas e juros que, somados mês a mês, acumulavam o valor total de R\$163,00. A partir de então, Adão relata que sofreu sucessivas humilhações vindas de um dos integrantes da Associação de Moradores. Em seguida, houve discussões recorrentes sobre o problema, a partir das quais, Adão sugeriu que toda a comunidade fosse reunida em assembleia para expor o ocorrido e abrir votação junto aos integrantes para decidir o que fazer, visto que ele não tinha condições financeiras de devolver o valor que havia pego sem autorização. Ele relata que, por três ocasiões, a comunidade se reuniu e houve consenso que o valor era irrisório e que o fato era irrelevante em vista aos benefícios que o trabalho de Adão trazia à comunidade.

Apesar da decisão de não levar o desentendimento adiante, o integrante da Associação que descobriu o furto resolveu registrar queixa através de boletim de ocorrência contra Adão e ele teve de comparecer à delegacia de seu município por duas vezes para prestar esclarecimentos.

O delegado disse, “Não rapaz, eu não vejo motivo nenhum para estar essa briga entre vocês. Vão cada um para o lado de vocês, cada um cuidar de suas comunidades, trabalhando, vai ser é melhor. ”, [ele diz] “Por mim, eu não tenho... quem me trouxe aqui foi essa criatura, não fui eu não. ”, “Mas não, só tem um jeito de perdoar ele, é ele aceitar fazer uma reunião com todo mundo da comunidade e, diante desse todo mundo, ele pedir perdão a mim de joelhos, diante de todo mundo.

Adão recusou-se a atender ao pedido público e humilhante de desculpa, que ele julga como um insulto contra sua pessoa, e a discussão foi levada adiante até o juizado de pequenas causas, onde houve uma audiência de conciliação para que as partes efetivassem um acordo, porém, sem sucesso. Decorrido um ano de discórdia, alimentando sentimentos pessoais de insulto e desonra, Adão relata que “não tinha mais gosto pela vida, andava triste, deprimido, chateado, não sei o que era aquilo. Aquela situação estava incomoda para mim”.

Houve um dia em que o interno relata ter sofrido o que teria sido para ele a última humilhação aceitável. O integrante da Associação de Moradores foi até sua casa, no horário em que Adão saía para trabalhar, reivindicando documentos que pertenciam à organização, ele respondeu que não estava mais com esses papéis, o que irritou o seu desafeto, fazendo com que ele iniciasse uma série de xingamentos e impropérios contra Adão. Este, então, segundo ele próprio, movido por forte emoção, efetuou disparos contra seu adversário e, em seguida, iniciou uma fuga, deixando a esposa e os filhos em Valença, vindo morar em Fortaleza.

Tornou a trabalhar como ajudante de pedreiro e morava sozinho em uma casa de um cômodo na periferia da capital cearense. Certo dia, após assistir a um culto evangélico, numa abordagem policial de rotina, verificou-se que ele tinha um mandado de prisão preventiva em aberto por esse crime contra ele, ou como ele costuma chamar em seus escritos, por conta desse “erro”. Os policiais que realizavam o procedimento pediram para ir até a casa dele e, chegando lá, foi constatado que ele possuía uma arma de fogo. Durante esse depoimento, Adão relata que discutiu com um dos policiais, pois tentaram incriminá-lo de outro assassinato, porém, Adão foi firme em lhe negar a autoria por tal crime.

Eles me perguntaram da arma que eu tinha, aí eu disse “Sim, senhor. Está guardada ali numa caixa, no bolso de uma jaqueta, as munições estão no outro bolso”. Expliquei direitinho para ele. Eles viram, pegaram, aí eles disseram, “Mas não é essa arma”. Aí eu disse “Olhe, meu senhor, se não é eu não posso falar além disso, não senhor, aí se o senhor quiser me bater, quiser me matar, qualquer coisa pode fazer, mas eu não posso falar o que o senhor quer. Eu já estou lhe falando a verdade”. E depois que foi feita a perícia, confirmaram que era verdade, que não foi aquela arma.

O interlocutor nos narra a sua trajetória desde a Delegacia de Homicídios, onde esteve recolhido por 30 dias aguardando a decisão se seria recambiado a seu estado de origem, onde cometeu o crime, ou se ficaria no Ceará, lugar em que foi preso. Foi decidido que ele continuaria no Ceará. Adão, por conseguinte, foi transferido para a CPPL III, local de sua reclusão prisional desde o início de 2014.

VIDA “DE DENTRO”

“Interno aqui dentro
Me chamam de bicho, detento
De lixo e pirangueiro
Só não me chamam de gente”³

Assim que chega à CPPL III, é padrão que o interno fique num espaço chamado de passatempo, local em que o preso espera até que seja feito o processo de triagem, onde será definido em qual das seis alas o interno ficará. Durante esse período, que pode ser de até cinco dias, o interno passa por um processo de aquisição do *habitus* prisional, suas normas, seus modos de se relacionar e de se comportar. Desse espaço, ele segue para uma das seis alas (ou ruas) da unidade, de acordo com alguns critérios. Alas A, B e C para homens já julgados, reincidentes ou jovens que nunca foram presos, e alas D, E e F, onde residem os apenados que respondem por crimes sexuais, as pessoas homossexuais, transexuais, travestis e, por fim, a ala dos praticantes da religião evangélica. Existe uma enorme diferença entre esses dois grupos de ruas, enquanto as últimas são melhor assistidas, possuindo mais visibilidade, as primeiras mal são atendidas pelos serviços básicos da unidade prisional. Adão nos relata que “são dois lados da moeda, essas 3 ruas (A, B e C), são diferentes dessas 3 ruas (D, E e F)”. Esse conflito entre as alas é percebido pela administração da unidade prisional que aparenta tomar um lado na disputa. Muitas vezes, preocupam-se mais em garantir direitos e atender pessoas das alas D, E e F, lidas como mais fáceis de conviver do que com as alas A, B e C que não permitem aproximação.

A diferença entre essas alas está refletida no acesso ao papel, meio necessário para a escrita de *catatau*⁴ para a administração da unidade. É através da escrita que os internos se comunicam com a administração e fazem pedidos de diversas naturezas, como atendimento psicológico, médico, dentista, defensor público, além do mais frequente pedido: que o serviço social ligue para

³ “Interno”, poesia de Adão.

⁴ Catatau é um tipo de bilhete escrito pelos internos com destino à administração da unidade prisional, geralmente, para o setor de Serviço Social. Funcionam como uma espécie de e-mail institucional da prisão, alguns são anexados em seus processos e prontuários prisionais.

a família e diga que o interno deseja receber visitas. Fica evidente nos catataus o abandono em que a maioria se encontra, tendo não só corpos enclausurados, mas também almas cativas. Esse suplício da alma, esse sofrimento institucionalizado, mediante “micropunições” tácitas e muitas vezes não intencionadas conscientemente, é uma demonstração de poder do Estado, como afirmou Foucault:

O suplício judiciário deve ser compreendido também como um ritual político. Faz parte de um modo menor, das cerimônias pelas quais se manifesta o poder. [...] O crime, além de sua vítima imediata, ataca o soberano; ataca-o fisicamente [...] A intervenção do soberano não é portanto uma arbitragem entre dois adversários; é mesmo muito mais que uma ação para fazer respeitar os direitos de cada um; é uma réplica direta àquele que a ofendeu (FOUCAULT, 2008, p.43).

Adão é um dos moradores da rua B, território que sofre uma sobrecarga de estigma, como nos sugere o debate de Erving Goffman (1988), remete também a um tipo específico de segregação dentro da segregação. Divide seu tempo na prisão entre a escrita de poemas, seu trabalho como lavadeiro dos brechós⁵ dos outros internos, além de seu ofício como faxineiro da cela que habita e de mais três, trabalho esse que lhe garante enviar dinheiro para sua esposa, ajudando, mesmo que na prisão, a sustentar a casa “de fora”. Além disso, Adão também participa do programa de remição de pena pela leitura, que permite ao apenado reduzir quatro dias de sua pena em troca de 30 dias de leitura monitorada por profissionais da educação, além da escrita de um resumo ou relatório sobre o livro lido, que pode ser uma obra clássica, literária ou filosófica. Em outubro, o interno leu *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, de Jean-Jacques Rousseau, e no mês anterior, o interno relata ter lido *Testes psicológicos* de Anne Anastasi.

O apenado aponta duas razões pelas quais não tem acesso ao estudo oferecido pela unidade prisional. Os internos das alas A, B e C não são retirados das celas para ir à escola, portanto, para que Adão, que vive na rua B, tivesse acesso ele teria de mudar-se, deixando para trás os empregos como faxineiro e “lavador de brechós”.

Um dos motivos também é que mais uma vez a necessidade me obriga entre escolher estudar ou trabalhar, pois faço faxina em algumas celas e lavo os brechós de alguns presos e com isso ganho quatrocentos reais por mês e contribuo para o sustento de meus filhos, ajudando minha esposa a enfrentar essa dificuldade.

Apesar de não frequentar a escola, afirma estar se preparando para prestar o Exame Nacional do Ensino Médio e tentar uma vaga em universidade pública.

Houve dificuldade para que o interno tivesse acesso a um caderno e caneta para realizar sua escrita, ele relata que, por duas tentativas, sua esposa trouxe o material que ele pedia, porém, era interceptado pelos agentes alegando que não era permitido na CPPL III o porte desses tipos de objetos. Para dar vazão a sua vontade de escrita, suas ideias e poesias, Adão passou a usar o único tipo de papel que dispunha: as tampas das embalagens das quentinhas de que se alimentava diariamente. Para ter acesso à caneta, Adão relata que teve de abrir mão de itens que sua esposa trazia para seu consumo, para realizar trocas com os outros internos.

⁵ Brechós é como são chamados as roupas, lençóis e toalhas dos internos na CPPL III.

Faltava então a tinta como chamam caneta aqui, então, como existe o meio de troca, eu trocava um projeto, ou seja, um pacote de biscoito ou ficha, ou uma química que representa o leite em pó. Então, uma caneta equivale a um projeto, eu ficava sem um destes projetos para adquirir uma caneta ou tinta.

Após a escrita de suas poesias, Adão uniu tampa por tampa, rasgou-as deixando em formato retangular e, com um fio feito de sacola plástica, costurou uma a uma, encadernando essas partes, construindo assim o seu livro de poesias de forma totalmente autodidata, manual e independente.

A partir desse feito, o interno passou a ser reconhecido por seus pares como homem de palavras e relata receber pedidos para escrever catatau para a comunicação entre apenados, direção da unidade e familiares. É através da escrita que os internos podem se expressar, o que melhora consideravelmente o clima na unidade prisional visto que “a ausência de canais de representação capazes de canalizar o descontentamento da população carcerária apresenta-se como um elemento central dos distúrbios nas prisões, sendo as rebeliões seu efeito mais expressivo” (ALVAREZ; SALLA; DIAS, 2013, p.73).

Adão relata que nos dias de visita a rotina do presídio muda, há uma preocupação geral com a limpeza e arrumação do local para poder receber as mães e companheiras dos internos.

O dia mais esperado
Um cheiro de liberdade
Um aceno, um beijo
Cheiro e benção
Amantes e amadas
Mulheres e mães
Um toque de vida
Descansa a saudade

O interno nos narra que não recebe visitas com frequência, pois a esposa mora em outro estado e não possui condições financeiras de encontrá-lo semanalmente. Quando ela não vem, trazendo sua presença e seus presentes, ele depende da doação de outros internos para ter acesso a itens de higiene, limpeza, água mineral e alguns alimentos com o tempero “de fora”. Adão recebe doação de outros internos, a quem retribui o gesto sempre que pode.

No dia que eu não tenho visita, se eu quisesse morrer empanturrado eu morria. Porque não falta comida não. Um traz água, um traz refrigerante, traz comida, é aquela preocupação. “Seu Piauí⁶, você já almoçou? Rapaz, venha para cá seu, Seu Piauí!”, aí isso aí me incentiva, me comove, não tem como.

Quando sua esposa vem lhe visitar, Adão retribui as dádivas que recebe dos companheiros de prisão. Ele relata guardar embalagens vazias com a finalidade de dividir o alimento que a esposa trás, além de repartir com os outros também o seu material de limpeza e higiene. Sua esposa demonstra se chatear com a atitude dele de dividir com os outros apenados os itens que ela compra com esforço para garantir o mínimo de dignidade ao marido, mas ele diz que “ver o irmão na necessidade e se

⁶ Apelido de Adão.

eu ver ele passando naquele sofrimento é a mesma coisa de mim”. Existe, nessa unidade prisional, algo que Edmundo Campos Coelho (2005) define como “economia delinquente”, que é a circulação de todo tipo de mercadorias, lícitas ou ilícitas dentro dos presídios.

Além da troca dos referidos produtos, a relação de Adão com os outros presos é pautada pelo respeito e pelo reconhecimento da figura de nosso interlocutor como um homem ligado aos estudos e à leitura. Os outros internos foram os primeiros a ter acesso às poesias de Adão, que nos narra:

Às vezes, curiosos sobre o que eu escrevia, me perguntavam, e como se tratava de poesia eles pediam que eu as recitasse para eles. Deles recebi elogios que me serviu de combustível para não parar e seguir adiante.

A produção literária dele despertou em seus companheiros de cárcere a curiosidade sobre a poesia, sobre o que tanto escreve esse homem, além da vontade de aprender a ler e escrever para poder se comunicar com a administração da unidade e com suas famílias e, principalmente, com suas esposas. O interno relata que por algumas vezes tentou ensinar os companheiros de cela a ler e a escrever.

Quando vejo que tem uns que tem mais um interessezinho aí eu chego e explico, aí outros já traz “Faça aqui para minha namorada, faz uma para minha senhora! E com a letra bonita! Aí eu digo “Sim, e como é? Vocês estão há muito tempo?” Tem que me dizer alguma coisinha que é para se encaixar direitinho. Aí eu faço, eles fazem com a letra deles. Aí tem deles que não sabem, né. Aí eu achei engraçado foi que um chegou para mim e disse “rapaz, minha senhora desconfiou, disse que não fui eu não, que foi Seu Piauí! E é tudo sobre amor. Uns homens desses falando de amor...”

Atualmente, Adão recebe pedidos dos outros apenados para que escreva poesia para vender ou trocar com eles e, assim, presentear seus parentes nos dias de visitas.

ESCRITA COMO PRÁTICA DE RESISTÊNCIA

Adão relata que ficou sabendo de um trabalho realizado pelo setor de Serviço Social da CPPL III em relação à escrita. Percebeu que nessa unidade prisional havia uma especificidade: a valorização da leitura, da escrita e da fabricação de fanzines⁷ pelos próprios detentos. O interno passou então a tentar entrar em contato com a assistente social responsável pelo projeto da escrita dos fanzines, para que a mesma pudesse tomar conhecimento do livro que havia produzido utilizando as tampas das quentinhas que o alimentavam.

⁷ O termo fanzine é um neologismo formado pela junção das palavras *fanatic* e *magazine*, do inglês, que significa revista do fã. É uma publicação independente e amadora, geralmente de pequena tiragem, impressa em fotocopadora ou impressora. Sua edição pode ser realizada por indivíduos, grupos, associações ou fã-clubes de determinada arte, personagem, personalidade, hobby ou gênero de expressão artística, para um público dirigido, podendo abordar um único tema ou vários.

A inconformidade de Adão, a sua luta para poder escrever seus poemas é uma prática de resistência às punições, que vão muito além do cumprimento da pena, impostas pelo presídio. Cotidianamente, ele desafia a ordem vigente, mesmo sendo um interno que a direção da unidade considera ter bom comportamento, dando vazão a sua sensibilidade através de seus poemas. O Adão-escritor se revolta contra o aprisionamento de seu corpo, dando liberdade a sua subjetividade através da escrita. Sobre esse cotidiano de micro rebelião, afirma Scott (2011, p. 223),

O que as formas cotidianas de resistência compartilham com as confrontações públicas mais dramáticas é, naturalmente, o fato de serem voltadas a mitigar ou rejeitar demandas feitas pelas classes superiores ou a levar adiante reivindicações com relação a tais classes.

O interno nos revela então esse artefato, uma ex-quentinha recheada com 98 páginas de poesia com variadas temáticas divididas da seguinte maneira: 27 dedicadas as suas musas inspiradoras, 21 tratando sobre a natureza, 23 são sobre sua trajetória de vida e lembranças da vida “de fora”, 16 escritas para a vida “de dentro”, sobre a prisão e as pessoas que estão nela, 5 sobre seus familiares, 2 acerca de sua espiritualidade, outros 2 sobre sua escrita, apenas 1 sobre o crime cometido e outro sobre o mundo novo que espera encontrar quando alcançar o tempo da liberdade. Portanto, Adão ressignifica sua condição de preso e ameniza o sofrimento da punição através da escrita da poesia, essa ideia fica clara em seu poema “Sobrevivendo na prisão”.

De repente um soluço,
Paro o tempo,
E olho para dentro de mim.
Uma ideia, começo a escrever,
Minha dor chega ao fim.

Nas poesias sobre suas musas inspiradoras, Adão escreve versos românticos, alguns eróticos, sobre as mulheres com quem se relacionou, contudo, a grande maioria é dedicada à sua atual esposa. Nos versos sobre natureza, o interno relembra a liberdade de poder ver o mar, as flores, observar os pássaros e descreve as paisagens que via cotidianamente. Acerca de sua trajetória, Adão descreve os estados por onde passou, a cachaça com os amigos, e dentre essas destacamos “Caminho”, onde ele descreve sua história de vida.

Medo do mundo
Dos que me perseguem
Entre riso e dor
Obstáculos encontrei
Susto a cada passo

Nosso interlocutor também escreve sobre a saudade que sente da madrinha, de seus filhos, da mãe e, principalmente, do pai a quem demonstra ter muita admiração e a quem se refere como “bravo homem, meu herói”.

Ao falar de sua escrita, Adão dedica versos aos livros e as palavras que, segundo ele, “doem e acalmam”. Ao falar sobre seu crime, o interno costuma chamá-lo de “erro” ou “tropeço”. Para ele, o

ocorrido é uma mácula em sua trajetória de vida, quase um fato isolado, pois, como ele apresenta, o “ato meu, que eu cometi mas tem outros atos me esperando, atos de braveza, de trabalho, de justiça social, de humanidade” e se incomoda pelo fato de não saberem que ele não é apenas o Adão que cometeu o crime, mas o Adão “pai de família” e o Adão poeta que ele afirma ser pouco conhecido, escondido pelos muros altos da CPPL III.

Os poemas de Adão que mais nos chamaram atenção são os da vida “de dentro”, poemas-denúncias ou poemas-diários que refletem sobre a vida aprisionada e suas relações.

Homens de pedra
Numa cidade excluída
De concreto e aço
Homens do pó
Se jogam ao acaso

Durante a entrevista em profundidade, quando questionado sobre sua visão sobre a prisão, Adão admite uma postura resignada, diz que tem de passar por esse sofrimento, toma para si uma postura penitente e afirma ter adotado o “conformismo como lei”. Porém, em seus escritos, o interno se rebela contra o que o aprisiona, usa sua escrita como forma de resistir e criticar a realidade prisional em que vive.

Um sistema falido
Não vejo saída, nada aprendo
Temo a recaída
O crime me namora
Na dúvida me rendo
Vejo os dias passando
Eu sem visita, choro é veneno
Durmo na pista⁸ da Babilônia⁹
Um corre aqui, acolá

Na semana após nossa conversa, Adão descreve em seu catatau-diário, destinado aos pesquisadores, uma situação vivida por ele no dia anterior à entrevista, houve vistoria na prisão. Ele narra nessa carta o momento em que o procedimento começou a ser feito, com a entrada do GAP¹⁰ nas dependências da unidade prisional, ordenando que os apenados saíssem das celas e ficassem nus, em grupos divididos de 10 em 10.

O procedimento continua até esvaziar a rua e a quadra de esportes fica cheia, de um lado a lei, do outro, bandidos. Cães ladram ameaçando agora indefesos homens. De repente um soldado ameaça e parte com um cão em direção aos homens agora acuados e um princípio de tumulto é formado, o guarda recua e a ordem é mantida.

⁸ Na CPPL III, as celas possuem dois grupos de cama com três leitos montados em estrutura, de tal modo que uns fiquem sobrepostos aos outros. Como não há cama para todos, alguns dos internos tem de dormir no chão, ou, como eles dizem, na pista.

⁹ Como os internos chamam as alas A, B e C.

¹⁰ Grupo de Apoio Penitenciário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como apontamos no início, há um paradoxo na situação de Adão, uma especificidade que nos permite pensar uma generalidade da relação escrita, narrativa do eu e prisão. O paradoxo é revelado pelo modo como Adão pratica a escrita e seus discursos como uma objetivação de sua subjetividade encarcerada, justamente quando ela se encontra ameaçada pela condição de prisioneiro, ela é descoberta, ou seria melhor dizer, inventada como recusa do que lhe oprime. Ademais, observamos que depois da conversa que tivemos com Adão, acentuou-se um processo de reflexividade sobre si, sobre sua trajetória, sua condição de preso e dos outros detentos. No mesmo dia em que foi entrevistado, o detento reflete:

Onde estou, se começo falando de mim, os outros fazem parte desse linguajar. Somos todos nós, num só mundo. Hoje foi um dia especial. Se me tornam útil é porque sou reciclável. “Nos lixões também nascem flores”.

Há, para Adão, uma percepção de que as experiências e os sentimentos expressos por ele, em seus poemas e falas, não estão apenas vinculados ao que ele vive naquele espaço, mas, para o interno existe uma consciência de que ele representa as pessoas que convivem com ele na condição de encarceramento, sofrimento e readaptação dos modos de vida no além de si, fora da prisão. Os atos de fala de Adão parecem ser insuficientes para expressar a complexidade de seu pensamento sobre a situação por ele vivida. A ansiedade da coerência parece escamotear uma considerável confusão existencial.

A escrita, essa forma de relação com a perda, com a loucura, com a morte, experiências expressas na condição de apenado, cumprindo medida de privação de liberdade, parece ser o único modo que Adão encontrou para problematizar suas condições existenciais mais amplas. Pela escrita de si, ele se torna outro. Desenvolve uma perspectiva deslocada em relação ao seu corpo de prisioneiro. Quando escreve, Adão abandona, ainda que momentaneamente, sua condição de aprisionado e liberta sua subjetividade através da escrita e da feitura dos livros-alimentos. Sabe que o tempo vivido na CPPL III é uma passagem e alterna o trabalho na prisão com seus poemas e catataus. Foi desse modo que ele escolheu significar sua estadia, tornando menos insalubre o local de odor indescritivelmente fétido, de conflitos iminentes e de solidão.

A trajetória de Adão, que representa a si mesmo como a de um homem trabalhador, bom pai, bom esposo, além de liderança da comunidade na qual vivia, foi maculada com o que ele denomina de ‘erro’, um modo de se remeter ao assassinato cometido. Apesar desse ato criminoso ter alterado drasticamente sua história, Adão busca manter suas características biográficas, aquilo que o torna quem ele é, trabalha na prisão, sempre manda cartas aos filhos, dando conselhos e acompanhando, ainda que à distância, o crescimento deles e sendo um esposo romântico, tendo como musa inspiradora sua companheira. Além disso, ele consegue sobressair-se na ala em que vive, mantendo a liderança que ele desempenhava quando estava na vida de fora. Portanto, para Adão, a forma escolhida para vivenciar a experiência prisional é também tornando a vida de dentro o mais próximo possível da vida de fora, tentando trazer dignidade para si e para os internos que, junto a ele, vivem uma Babilônia de emoções, privações e sofrimento.

Essas práticas de sentido de Adão sinalizam para o fato de que as fronteiras entre o mundo de dentro e o mundo de fora da prisão são porosas, que os ambientes fechados não são independentes da experiência sociocultural mais ampla. Tudo se passa como se o contexto de opressão prisional não fosse capaz de aniquilar a capacidade imaginativa do sujeito, que no limite de sua impossibilidade, faz da escrita um ato de liberdade. Tampouco fosse capaz de apagar a confusão e a dor de uma mente atormentada entre culpa e vergonha, vivenciada como uma perda da própria honra. Talvez Adão terá que elaborar novas narrativas diante da responsabilidade que o convoca, afinal, o fato de ter aniquilado a vida de outro ser humano não parece ser um tema na sua busca por uma nova coerência.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Marcos César; SALLA, Fernando; DIAS, Camila Nunes. Das Comissões de Solidariedade ao Primeiro Comando da Capital em São Paulo. **Tempo Social**, v.25, n.1, p.61-82, 2013.

BARREIRA, César. **Crimes por encomenda**: violência no cenário brasileiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política, 1998.

BOURDIEU, Pierre (org.). **A miséria do mundo**, 7.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: EDUSP, 1996.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**: crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

COELHO, Edmundo Campos. **A Oficina do Diabo e outros estudos sobre criminalidade**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

GOFFMAN, E. **Estigma**: Estigma notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.

SCOTT, James C. Exploração normal, resistência normal. **Rev. Bras. Ciênc. Polít.**, Brasília, n. 5, p. 217-243, July 2011.

SECRETARIA DE JUSTIÇA DO CEARÁ. **Censo penitenciário 2013-2014**. Disponível em: <<http://www.sejus.ce.gov.br/index.php/component/content/article/58-cidadaniainterna/1827-censo-penitenciario>>. Acesso em: 27 jan. 2016.